

A floresta no limite

MAURICIO LOBO

A administração do Parque Nacional da Tijuca pela Prefeitura do Rio já não deve mais ser encarada como uma possibilidade, mas como uma necessidade, com alto caráter de urgência. A co-gestão e a recuperação do parque estão entre as metas da atual administração municipal, intenção reforçada pelo prefeito Luiz Paulo Conde em sua primeira audiência com o presidente Fernando Henrique Cardoso. O parque, que abriga a maior floresta urbana do mundo, com uma área de 3.200 hectares, e é considerado, desde 1991, Reserva da Biosfera pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco), está em perigo. Cercado por favelas — calcula-se em torno de 46, com 200 mil moradores — com sistema precário de saneamento básico, carência de vigilância e ações de vandalismo por todos os lados, principalmente contra guaritas, banheiros e placas de sinalização, o parque tem sua situação deteriorada a olhos vistos. O que há alguns anos era uma previsão sombria, hoje é uma triste realidade: o Parque Nacional da Tijuca está em acelerado processo de deterioração e precisa de ajuda e de verbas. Por isso, nada seria mais lógico do que passar sua administração para a Prefeitura da cidade onde está localizado e é uma das principais atrações turísticas.

Este repasse da administração, hoje sob responsabilidade do Ibama, é uma novela que vem se arrastando desde 1993, quando foram iniciadas as discussões para a assinatura de um convênio entre o Ibama e a Prefeitura para a co-gestão do parque, incluindo o Corcovado. O convênio se transformou num protocolo de intenções, assinado em 1995. E hoje, quase dois anos e muitas reuniões depois, se a situação oficial não mudou a real piorou. Na época da discussão, durante a Semana do Meio Ambiente, apesar de pareceres favoráveis do Ministério do Meio Ambiente, a assinatura esbarrou na burocracia do Ibama e também em problemas com o Governo estadual, postulante a assinar o convênio sem a previsão de qualquer contribuição, além do policiamento que já realizava. Na época, surgiram novas idéias que impulsionariam o turismo no parque, como a do então secretário de urbanismo, hoje prefeito, Luiz Paulo Conde, de construir um elevador de acesso à estátua do Cristo Redentor. O elevador seria apenas uma das melhorias e uma excelente opção aos 220 degraus necessários para se chegar ao monumento, façanha quase impossível para crianças, idosos e deficientes físicos. Outra medida importante seria a cobrança de ingresso, como aliás acontece em vários parques do mundo, uma medida que a princípio poderia gerar polêmica, mas que certamente após as reformas, com a construção de novos banheiros, centros de lazer e o aumento da segurança, ganharia adeptos entre os visitantes e a população em geral.

Deste longínquo episódio os únicos benefícios foram a nomeação de uma administradora para o parque: Sônia Peixoto, que vem realizando heróicas ações para tentar reverter esta difícil situação e a criação de um comitê de gestão, com a contratação, pelo Ministério do Meio Ambiente, de uma consultoria para analisar as possibilidades do convênio. Dois anos depois, mais do que nunca as questões de segurança e limpeza no Parque se constituem nos maiores problemas. São apenas 44 homens para vigiar (19 agentes de defesa florestal do Ibama e 25 seguranças de firmas contratadas) e uma firma de limpeza que não recebe o pagamento desde setembro de 1996, numa dívida que já chega a R\$ 110 mil. Responsável por parques e reservas em todo o país, só no Rio são 17 unidades, o Ibama tem despesas cinco vezes maiores do que sua receita. Uma situação que afasta cada vez mais turistas e os próprios cariocas que frequentam as 28 cachoeiras, 200 trilhas, 102 vias de escalada e 22 estradas, além de atrações como o Cristo Redentor, a Capela Mayrink, a Cascatinha e o Lago das Fadas.

Na verdade, o Parque Nacional da Tijuca tem muitas atrações a oferecer, sendo um dos poucos parques brasileiros que poderia se auto-sustentar, através de incentivo ao ecoturismo, com o aumento do número de visitantes.

No momento em que a Prefeitura estuda o Plano Diretor de Turismo para a cidade, onde a Floresta será uma das atrações, e que os assuntos ligados ao meio ambiente ganham dimensão internacional — no mês de março acontece a Conferência Rio+5 — a recuperação total do Parque Nacional da Tijuca traria benefícios incalculáveis para a cidade. Uma atitude com repercussão mundial e olímpica, trazendo de volta os bons tempos para um dos maiores símbolos de nossa cidade.

MAURICIO LOBO é secretário municipal de Meio Ambiente.

OS lobo
7/3/97 7
119